



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e
Inclusão Escolar –

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**ATLETISMO PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS
ESPECIAIS EM MOBILIDADE, QUAL A SUA REALIDADE?**

MARCO ANTÔNIO DE ARAÚJO

POLO BARRETOS - BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e
Inclusão Escolar –

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

MARCO ANTÔNIO DE ARAÚJO

**ATLETISMO PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS
ESPECIAIS EM MOBILIDADE, QUAL A SUA REALIDADE?**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Viviane Neves Legnani

POLO BARRETOS - BRASÍLIA/2015

MARCO ANTÔNIO DE ARAÚJO

**ATLETISMO PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS
ESPECIAIS EM MOBILIDADE, QUAL A SUA REALIDADE?**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em ____/____/2015.

Aprovado pela banca formada pelos professores:

Viviane Neves Legnani (Orientadora)

NOME DO EXAMINADOR

Marco Antônio Araújo

POLO BARRETOS - BRASÍLIA/2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todo aluno com necessidades educativas especiais em mobilidade, e que não mede esforços para trilhar o caminho do atletismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, e por dar-me a oportunidade de galgar mais um degrau em meu conhecimento.

Aos meus pais (*in memoriam*), por insistirem em me transformar no homem que sou.

À minha família, pela união; em especial minha esposa Adriana pela compreensão e companheirismo. Minhas queridas filhas Duane e Laura, razão de meu viver, meu muito obrigado por fazerem parte de minha vida.

Aos colegas de turma, pela boa convivência.

Agradecimentos a todos professores do curso, em especial, a professora orientadora Viviane Neves Legnani, pela troca de conhecimentos.

RESUMO

O presente trabalho aborda a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no atletismo, suas barreiras, as dificuldades encontradas. Aponta que é possível melhorar seu desenvolvimento no processo ensino aprendizagem, e sua participação no atletismo é muito importante e necessária. Através de pesquisa de campo, com professores de educação física, em escolas públicas fica evidente a necessidade de um trabalho maior em relação ao profissional da área, para não excluir o aluno especial das atividades. O trabalho aponta a falta de materiais adaptados para os alunos com necessidades educacionais especiais, e o despreparo do profissional da área de educação física adaptada.

Palavras-chave: Atletismo. Inclusão. Professor. Escola.

LISTA DE ABREVIATURAS

EF – Educação Física

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN - Parâmetros curriculares nacionais

PNEE – Portadores de Necessidades Educacionais Especiais

RCN - Referencial Curricular Nacional

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cidadania

SUMÁRIO

RESUMO.....	06
1 APRESENTAÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 A EDUCAÇÃO DO ALUNO COM NECESSIDADES ESPECIAIS	13
2.2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA	15
2.3 LEIS QUE CONSOLIDAM A INCLUSÃO	17
2.4 EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA	19
3 OBJETIVOS.....	24
3.1 OBJETIVO GERAL	24
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	24
4 METODOLOGIA.....	25
4.1 PERFIL DOS PROFESSORES	25
4.2 PARTICIPANTES E COLETA DE DADOS	26
5 RESULTADO DA PESQUISA E DISCUSSÃO	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXO 1	35
ANEXO 2	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Questionário para os professores	27
--	----

1 APRESENTAÇÃO

Os jogos no ambiente escolar podem ser vistos em muitas ocasiões como privilégio e incentivo no processo educativo. São situações que despertam o aluno, mas e o jogo para o aluno com necessidades educativas especiais? A partir do momento que a criança joga ela faz parte do grupo, se sente incluída.

Durante este estudo será possível verificar o jogo como tentativa de recurso ao aluno com limitações, que se sente excluído pelo próprio sistema, mas que vê a possibilidade de inclusão durante as aulas de educação física, durante as atividades em que os jogos estão presentes.

O trabalho tem como norte o professor de educação física de alunos com necessidades educativas especiais em mobilidade. A inclusão existe, e é necessário mais conscientização do profissional e também da instituição escolar, no sentido de facilitar a rotina de todos alunos que necessitam desse atendimento especial. Não é mais possível fingir que nada acontece a nossa volta, assim, há a necessidade de buscar condições e iniciativas para que o aluno de inclusão possa estar incluído de verdade, como cidadão de direitos adquiridos como qualquer outro.

A lei de inclusão favorece o indivíduo com necessidades especiais, mas a própria sociedade e o sistema contribuem para que a exclusão aconteça, seja com a falta de adequação no ambiente, acessibilidade, profissionais mal preparados, enfim, existe uma série de fatores que eliminam da convivência em grupo a pessoa com limitações e, nesse caso, o aluno especial.

A adaptação da escola se faz necessária, além de materiais adequados ao aluno, e principalmente o preparo do profissional que vai incluir o aluno com necessidades educativas especiais.

Este estudo se constitui em proposta de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais em mobilidade, como conseguir recursos para realizar atividades esportivas, e uma pesquisa de campo realizada entre os profissionais da área.

A escolha do tema: “Atletismo para aluno com necessidades educativas especiais em mobilidade, qual a realidade?” aconteceu, pelo fato de atuar como profissional de Educação Física em escola pública há muitos anos, e sentir a necessidade de mudanças nessa área.

Sendo pedagogo, com Curso de Especialização em Gestão Escolar, professor universitário no Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos, e exercendo a função de coordenador do município de Barretos – SP, na área de educação física, fica em evidência a necessidade de estimular os professores, no trabalho conjunto incluindo os especiais. Sob minha responsabilidade foram realizados dois festivais de atletismo para toda rede municipal, de onde os alunos com necessidades especiais estiveram presentes, e participaram das atividades, sendo num total aproximado de 2.200 participantes. Foi feito também o projeto criação no parque do peãozinho, envolvendo todas as crianças do ensino fundamental I, em torno de 5.000 alunos que foram assistidos por uma parceria com a saúde, em exame de glaucoma, além de atividades recreativas e de lazer, com passeio a cavalo e passeios turísticos com trenzinho, dentro do próprio parque.

A sociedade precisa acreditar que tudo evoluiu, e o aluno especial é um cidadão com os mesmos direitos de qualquer outro, que deve ser incluído no ambiente escolar, nas atividades dirigidas, e que ele pode realizar, mesmo com limitações, qualquer exercício determinado pelo professor.

O primeiro passo é aceitar o aluno especial como um aluno capaz de realizar qualquer exercício, que está ali no ambiente escolar pronto para se desenvolver; e este é um desafio que tem como objetivo investigar quais as medidas para diminuir as dificuldades tanto de professores, quanto dos alunos com limitações. Também, como objetivo, apresentar uma pesquisa de campo aos professores verificando dessa maneira as especializações e cursos realizados no sentido de se prepararem melhor para trabalhar com alunos de inclusão.

O desenvolvimento desse trabalho surgiu da necessidade em analisar as dificuldades de alunos com necessidades educativas especiais em mobilidade sentirem-se incluídos em escola pública, com classe e educação regular; portanto, a pesquisa de campo se direciona a profissionais que atuam com alunos especiais, em escola pública, e estão dispostos a modificar a sociedade, fazendo-a mais igualitária e menos excludente.

Também, através de observações durante as aulas foi verificado que existe uma lacuna no processo educativo, dos alunos com limitações físicas e dificuldades em participar de todas as atividades, além da falta de capacitação encontrada pelos profissionais em receber o aluno e inclui-lo.

Ficou evidente a necessidade de equipamentos e materiais adequados aos alunos, durante as aulas práticas de educação física.

O trabalho será através de uma vasta lista de referências bibliográficas, autores que abrangem a educação especial, a inclusão e o atletismo aos alunos de uma forma geral.

A abordagem das Leis que ressaltam a educação especial e inclusiva serão mencionadas no decorrer do trabalho.

Será realizado uma pesquisa de campo com o objetivo de promover mais conscientização juntamente aos professores, sobre a inclusão e capacitação dos mesmos.

Procurar-se-á investigar e confirmar que ainda faltam várias adequações e acessibilidade aos especiais.

O início terá como tema, na revisão da literatura, a educação do aluno com necessidades especiais, assim como a educação inclusiva, e as leis que consolidam a inclusão. Num segundo momento a abordagem acontece em torno da Educação Física Adaptada aos alunos com limitações, o seu surgimento e o objetivo de se implantar essa modalidade. Aponta também o respeito do profissional que trabalha com esses alunos e a necessidade de incluí-los no ambiente escolar e na sociedade.

Este é um trabalho desafiador que propõe questionário aos professores da área, e analisa a realidade do atletismo ao aluno com necessidades especiais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A EDUCAÇÃO DO ALUNO COM NECESSIDADES ESPECIAIS

A educação no país ainda precisa de ajustes e conscientização. Com o processo de inclusão percebe-se que a questão ficou no papel, pois as instituições de ensino ainda não conseguiram se adaptar, seja em acessibilidade, ou em dar condições e suporte ao aluno com necessidades educativas especiais. Existe a necessidade de criar uma nova cultura dando reais condições de inclusão.

É preciso entender que incluir o aluno e “olhar para o sujeito como único é fundamental para conseguirmos compreender seu sofrimento e suas necessidades, sendo a partir desta concepção que o cuidado acontece” (SANTOS, 2009, p. 14).

De um modo geral a necessidade especial em um âmbito nacional é tida como um conjunto de fatores que impedem o indivíduo de ter um processo educativo como a maioria, assim como ele é impedido de participar naturalmente de todas as atividades, precisando assim, de apoio, acessibilidade, aulas especiais, recursos diferenciados para a sua inclusão.

A escola, a priori, deveria ser o primeiro local a acolher e incluir o diferente, mas infelizmente ela não está adequada para receber seu aluno com necessidades educativas especiais, seja em relação a qualificação do profissional, ou de materiais e recursos. Diante disso tudo, a escola falha em sua responsabilidade de oferecer um currículo condizente à sua clientela.

O processo educativo do aluno precisa ser o de “prepará-lo para a vida adulta, a qual inclui ocupação e estilo de vida satisfatórios, o que se traduz em sentimentos de sucesso na infância e por toda a vida” (MARTÍN, 2003, p.9).

Nesse conceito de educação o atletismo é um excelente elemento de preparo e inclusão, tendo em vista que o aluno com ou sem necessidades especiais, estará participando de atividades de interação, com capacidade de se sentir incluído na equipe de atletismo.

Esse preparo tem que envolver todo e qualquer aluno com necessidades educativas especiais, tendo em vista que:

Até agora o sistema educativo impôs um papel primário, baseado em garantir que cada criança atinja o máximo desenvolvimento intelectual, deixando de lado os componentes pessoal e vocacional, favorecendo o âmbito acadêmico e não estimulando a criança a adquirir os canais pertinentes para conseguir ter uma vida independente (MARTÍN, 2003, p. 10).

O autor ressalta que além de visar a independência do aluno, também é “necessário que os objetivos da reabilitação sejam enfatizados a partir da própria atividade educativa” (idem).

A prática pedagógica no processo educativo tem que respeitar os conhecimentos e as condições do aluno, e deve estar bem atualizada para atender as suas necessidades, cabendo ao professor investigar as dificuldades, ou até mesmo as limitações de seu aluno. Fazer as modificações necessárias, transformando essas práticas educativas em ferramentas essenciais na formação do cidadão.

Martín (2003) cita a necessidade de um envolvimento total entre professores e todo corpo administrativo no que se refere à educação e inclusão dos alunos, e os jogos com regras são facilitadores para a aprendizagem.

Oliveira (2007, p. 7) pontua que o aluno, ao participar de um jogo de regras ou jogo livre, “as habilidades e competências cognitivas e sociais aí desenvolvidas passam a fazer parte de sua estruturação mental, podendo ser generalizadas para outras situações qualquer”. Isso também é válido para resolver problemas surgidos na escola, ou até mesmo no seu relacionamento com os outros.

A autora citada continua ressaltando que “esta é a grande riqueza e plasticidade do cérebro que, quando se volta para resolver um determinado problema, desenvolve um processo de busca e seleção de estratégias cada vez mais funcionais e efetivas” (OLIVEIRA, 2007, p. 7). Ou seja, o processo de aprendizagem não se restringe apenas à aquisição de conhecimentos, mas também à assimilação do aluno com os métodos, processos, e as formas de aprendizagem que o levarão a desempenhar seu papel no atletismo e em outros tipos de jogos.

A partir do momento que o professor se preocupa com a trajetória escolar e o conhecimento de seu aluno, vendo-o como um ser pensante, e não como um empecilho, o desafio já estará lançado no processo educativo.

Aos professores cabe o compromisso de “uma formação permanente frequentando cursos, jornadas ou encontros de profissionais, e atualizando-se com a literatura disponível” (MARTÍN, 2003, p. 10). No campo da educação a realidade

aparece como ela é, com seus alunos tido como ‘normais’, e os que precisam ser incluídos, trabalhados de forma especial. Aos pais cabe não desenvolver a superproteção ao filho com necessidades especiais, pois essa atitude só atrapalharia o filho. A partir do momento que o pai admitir, entender e aceitar o problema do filho, e que o mesmo precisa participar ativamente dos jogos e atletismo, já será uma boa contribuição para a educação da criança. Existem três fatores fundamentais na transformação e desenvolvimento da criança:

- a) Aceitação do problema: determinante para o desenvolvimento físico, afetivo, aceitação de conhecimentos e integração social.
- b) Formação dos pais diante da educação do seu filho.
- c) Intervenção: aplicação para que se amorteba o mais possível o degrau perceptivo que o separa da normalidade (MARTÍN, 2003, p. 203).

A criança não pode se sentir excluída do mundo, ficar em casa sem participar das atividades, cheia de limites; ela precisa ser motivada pelas pessoas que convivem com ela. O limite na medida certa é bom, mas, Martín (2003, p. 128) ressalta que “é difícil determinar se os limites fixados para uma criança num dado momento e situação determinada são os adequados”. O autor citado continua seu pensamento citando que: “Pais e professores têm de se questionarem e repensarem essa questão a todo momento, procurando sempre ajustar-se em função da capacidade individual”.

O aluno, ao notar que pais, amigos e professores acreditam em sua capacidade de interagir, aprender, fica mais fácil realizar suas atividades. A partir do momento que a criança é estimulada, se empenha mais e mostra que também é capaz.

2.2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A inclusão é repleta de desafios, e para Mantoan (2003, p. 15): “A inclusão, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retrazendo”.

Todo homem é único, e de acordo com a “Declaração de Salamanca” ele tem garantia e leis que o apoiam em uma Educação para Todos, e em se tratando de necessidades especiais, “[...] todas as diferenças humanas são normais e o ensino deve, portanto, ajustar-se às necessidades de cada criança, em vez de cada criança se adaptar aos supostos princípios quanto ao ritmo e à natureza do processo educativo” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 18).

Ainda segundo a Declaração de Salamanca, é necessário “adotar, com força de lei ou como política, o princípio da educação integrada que permita a matrícula de todas as crianças em escolas comuns, a menos que haja razões convincentes para o contrário” (UNESCO, 1994).

Não existem fórmulas prontas para o processo de incluir, assim como não adianta apenas acolher o aluno, mas sim, dar-lhe condições de ser incluído e diminuir as barreiras dele com o mundo.

A inclusão é um processo cheio de imprevistos, sem fórmulas prontas e que exige aperfeiçoamento constante. Do ponto de vista burocrático, cabe ao corpo diretivo buscar orientação e suporte das associações de assistência e das autoridades médicas e educacionais sempre que a matrícula de um deficiente é solicitada (ABRAMOWICZ, 2007, p. 74).

É preciso rever a educação e as estruturas do ambiente escolar para que a escola diminua as barreiras existentes.

Para Abramowicz (2007, p. 74), “A inclusão postula uma reestruturação do sistema de ensino, com o objetivo de fazer com que a escola se torne aberta às diferenças e competente para trabalhar com todos os educandos”.

Na inclusão do aluno com necessidades educativas especiais em mobilidade existem muitas barreiras, a começar por atividades simples como o ato de correr ou saltar, lançar ou arremessar.

O atletismo é composto por atividades que permeiam as atividades diárias do indivíduo: correr, saltar e lançar são práticas corriqueiras que estão inseridas dentro de nossos hábitos. No entanto, estas ações quando realizadas no atletismo dentro da modalidade apresentam-se de maneira especializada, cabendo ao professor oferecer e orientar para que esse aluno possa trilhar o caminho de aperfeiçoamento (GALLAHUE e OZMUN, 2000).

O jogo oferece ao aluno oportunidade de movimentar seu corpo e melhorar seu desenvolvimento. O professor, ao incluir a bola, tanto com as mãos como a ser utilizada com os pés, dá a oportunidade de igualdade entre os alunos. Esse é o momento que os alunos mais apreciam na escola.

São muitas as possibilidades de aprendizagem ao aluno, que aprende normas e regras. “Ao jogar, a criança aos poucos vai percebendo que respeitar as regras leva a agilizar o raciocínio, desenvolvendo a criatividade, no levantamento das várias possibilidades envolvidas” (OLIVEIRA, 2007, p. 18).

Além do jogo, a educação rítmica se apresenta como um excelente recurso ao aluno com limitações físicas, pois,

A educação rítmica proporciona não apenas um treinamento dos sons, mas também a possibilidade de exercitar habilidade e coordenação dos movimentos corporais, concentração, capacidade de criação, fantasia, ao mesmo tempo que vão sendo formados os conceitos fundamentais de espaço (alto, profundo); forma (quadrado, redondo); intensidade (forte, fraco, alto, baixo) e força (MARTÍN, 2003, p. 197).

Existem inúmeros jogos a serem apresentados ao aluno, desde o “futebol”, “queimada”, “cabo de guerra”, “esconde-esconde”, até os jogos realizados sentados, como “monta-monta”, “caça-palavras”, “caça ao tesouro”, quando a criança tem dificuldade de caminhar. São brincadeiras que estimulam a criança, desenvolve o raciocínio lógico, a concentração, ou até mesmo os que alteram toda a rotina do aluno. “Pular corda [...] propõe às crianças uma pesquisa corporal intensa, tanto em relação às diferentes qualidades de movimento que sugere (rápidos ou lentos; pesados ou leves) como também em relação à percepção espaço-temporal [...]” (BRASIL, 1998, p. 37).

2.3 LEIS QUE CONSOLIDAM A INCLUSÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) surgiu para assegurar e garantir “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades (das PNEEs)” (BRASIL, 1996).

Os métodos e o currículo da escola devem ser diferenciados, sendo adequados ao aluno com necessidades especiais. Isso não significa negar ou acentuar as suas limitações, mas sim, saber lidar e preparar esse aluno pra viver em sociedade, não podendo esquecer que o aluno é um ser histórico, único, e que precisa ser respeitado. A escola é uma instituição social para práticas educativas, e a intervenção pedagógica é importante no momento de aprendizagem e construção do conhecimento.

No capítulo 2º da Lei de Diretrizes e Bases no que se refere ao sistema educacional de alunos com necessidades educativas especiais, em escola de ensino regular, as diretrizes da lei estabelecem que:

“Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade” (BRASIL, 2001c).

O Decreto de nº 5.296/04 estabelece critérios básicos no que se refere a educação especial e inclusiva e entende como acessibilidade de pessoas com necessidades especiais ou mobilidade reduzida: “[...] a alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física [...]” (BRASIL, 2004).

Ao receber um aluno com limitações o professor de educação física precisa ter a consciência de dar a esse aluno, condição de se desenvolver; elaborando aulas adaptadas, condizentes ao seu estado e suas necessidades. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) deixam claro que:

A LDB 9394/96 definiu a Educação Especial como uma modalidade de educação escolar que permeia todas as etapas e níveis de ensino e a Resolução do CNE 02/2001 regulamentou seus artigos 58, 59 e 60, garantindo aos alunos com necessidades educacionais especiais o direito de acesso e permanência no sistema regular de ensino (BRASIL, 1997, p.3).

O Referencial Curricular Nacional afirma que o aluno, sendo orientado pelo professor, mesmo tendo necessidades educativas especiais é capaz de “ampliar as possibilidades expressivas do próprio movimento, utilizando gestos diversos e o ritmo corporal nas suas brincadeiras, danças, jogos e demais situações de interação” (BRASIL, 1998, p. 27).

Através da educação física adaptada e da participação nos jogos, o aluno com necessidades educativas especiais tem maior chance de adaptação, de se sentir incluído, sobretudo, porque, nesse momento de “jogo e de brincadeira devem se constituir em atividades permanentes nas quais as crianças poderão estar em contato também com temas relacionados ao mundo social e natural” (BRASIL, 1998, p. 200).

O Ministério da Educação define que cabe ao professor: “perceber as necessidades educacionais especiais dos alunos e valorizar a educação inclusiva”. Também, é função do profissional escolar: “Atuar em equipe, inclusive com professores especializados em educação especial” (BRASIL, 2001, art.18).

2.4 EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA

A educação física (EF) para alunos com necessidades especiais não é recente, tendo em vista que as escolas públicas os acolhiam, mas não os desenvolviam, era mais uma visão humanística. Segundo Winnick (2004), a American Association for Health, Physical Education and Recreation (Associação Americana de Saúde, EF e Recreação) organizou um comitê que ditasse as diretrizes aos profissionais da área de educação física. A Educação Física Adaptada foi definida pelo comitê como um programa diferenciado com jogos, atividades variadas e adaptados de acordo com as necessidades do sujeito, independente das suas limitações (CARDOSO¹, 2010).

Após a Primeira Guerra Mundial percebeu-se a necessidade de centros de reabilitação e exercícios terapêuticos, para diminuir os traumas dos jovens, e os jogos adaptados se tornaram mais comuns. A partir desse período os exercícios se tornaram fundamentais na recuperação de pessoas, exercendo dessa forma um papel fundamental para a integração. Os programas relacionados a essas atividades foram se tornando a cada dia mais normal na vida do homem (Adams 1985 apud CARDOSO 2010).

Muitos programas foram desenvolvidos para melhorar a ginástica de reabilitação, e os nomes foram os mais diversos: EF Corretiva ou Ginástica Corretiva, Preventiva, EF Reabilitativa, entre outros (GORGATTI; COSTA, 2005 apud STRAPASSON, 2006).

A autora citada aponta para o papel que a educação física desempenha e diz ser importante àqueles com limitações, principalmente aos alunos que estão iniciando sua vida, tanto no que se refere à parte motor, quanto nos desenvolvimentos: social, intelectual e também o afetivo.

O incentivo e a participação às modalidades da EF aos alunos com necessidades especiais é muito importante, tendo em vista o bom resultado desses atletas nas competições.

O esporte adaptado deve ser incentivado como alternativa prazerosa na reabilitação de pessoas com limitações.

¹CARDOSO, Vinícius Denardin. Pesquisa em www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338556017. Revista Brasileira de Ciência Esporte. Florianópolis, v33n.2, p.5299-539, abr./jun.2011

No Brasil, a história da Educação Física Adaptada teve seu início em 1958, portanto, é recente; e a participação de atletas paraolímpicos brasileiros aconteceu, segundo Cardoso (2010) na Alemanha em 1972. De acordo com o autor, de 1984 até os dias atuais, o Brasil participou em todos os jogos com o atletismo paraolímpicos, e conquistou medalhas nas modalidades disputadas.

O professor, quando pensa no desenvolvimento de seu aluno se preocupa em planejar jogos que envolvam o corpo todo “para ampliar gradualmente o conhecimento e controle sobre o corpo e o movimento” (BRASIL, 1998, p. 36). No entanto, nem todos os alunos podem participar desse tipo de atividade, devido as suas limitações.

Ao entrar no campo da Educação Física (EF) Adaptada, tudo se volta aos problemas de sujeito com necessidades educativas especiais, e no caso desse estudo, é a limitação física. Cabe ao profissional amenizar as desigualdades, melhorar a autoestima, acolher, oferecer exercícios que o aluno consiga realizar e não permitir que o mesmo seja excluído do grupo.

Ao oferecer atividades de educação física ao aluno especial, o professor está respeitando as diferenças de cada um, além de melhorar seu desempenho, e reconhecendo suas potencialidades o aluno participará das atividades.

Strapasson (2006) cita um trecho dos PCN (1997, p. 85) da Educação Física adaptada onde afirma que:

A pluralidade de ações pedagógicas pressupõe que, o que torna os alunos diferentes é justamente a capacidade de se expressarem de forma diferente [...] É possível integrar essa criança ao grupo, respeitando suas limitações, e, ao mesmo tempo, dar oportunidades para que desenvolvam suas potencialidades (BRASIL, 1997, p. 85).

Segundo Strapasson² (2006), “A EF Adaptada tem sido valorizada e enfatizada como uma das condições para o desenvolvimento motor, intelectual, social e afetivo das pessoas”.

A educação física adaptada contribui para melhorar a qualidade de vida. Isso não deve ser considerada como uma desigualdade, tendo em vista que cada ser humano é único, com suas peculiaridades e suas diferenças.

²Strapasson, Aline. 2006. A educação física na educação especial. Pesquisa em: <http://www.efdeportes.com/RevistaDigital-BuenosAires-Ano11-nº104Enerode2007>.

O professor ao elaborar sua prática pedagógica não proporciona conteúdos diferentes ao seu aluno, mas sim, adaptado de acordo com a limitação de cada um. O aluno realiza a atividade com técnicas e métodos próprios respeitando suas necessidades especiais.

A educação física adaptada tem o objetivo de apresentar a atividade ao aluno, e espera que ele a desenvolva melhorando seu desenvolvimento, mas levando em consideração “as diferentes e peculiares condições” que cada um apresenta. O aluno aprende a realizar mudanças interiores, se sentir respeitado em suas diferenças. Strapasson (2006) afirma que: “A Educação Física (EF) se justifica nas escolas, pelo fato de ela subsidiar a prática corporal direcionada a vivência de movimentos e desenvolvimento físico e psíquico do aluno [...]”, além de melhorar a expressão corporal.

Para a autora: “A Educação Física (EF) se justifica nas escolas, pelo fato de ela subsidiar a prática corporal direcionada a vivência de movimentos e desenvolvimento físico e psíquico do aluno [...]”, além de melhorar a expressão corporal (STRAPASSON, 2006).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacional (1997), tem-se: “O êxito proporcionado nas aulas de EF gera um sentimento de satisfação e competência [...]”, mas quando o aluno se sente fracassado ele não consegue um bom desenvolvimento.

A prática pedagógica para alunos com necessidades especiais não pode continuar como a do passado, que privava o aluno a participar das aulas de EF, e o ensino tradicional e ultrapassado limitava o aluno. Hoje é possível oferecer ao aluno a mesma atividade, adaptada de acordo com suas necessidades, mas ainda existem professores que relutam às transformações e não se capacitam.

Ao citar as aulas com alunos especiais, Kishimoto (2007, p. 133), afirma que:

Ao considerarmos a rotina das classes de educação especial, temos encontrado formas estereotipadas de trabalhar, por parte dos professores, que provocam a indiferença dos alunos, condenando-os a uma atividade desinteressante, nada desafiadora, que nega seu potencial, conferindo-lhe um caráter definitivo.

A autora citada continua afirmando ser necessário mudanças na prática pedagógica e que “a discussão sobre a necessidade de mudanças no desenvolvimento curricular ocorre com frequência, mas ainda não surtiu os efeitos desejados” (KISHIMOTO, 2007, p. 133). Essas mudanças seriam um corte na forma de pensar e agir, seria mudar a rotina pensando em primeiro plano o aluno especial.

O professor é resistente a mudanças, a aceitar o outro como ele é, e a sociedade assim como a escola precisam dessa mudança real, não aparente.

Desse modo, mudar em educação implica considerar a vontade de os profissionais envolvidos repensarem os fundamentos que sustentam suas práticas e, conseqüentemente, mudarem a si mesmos. Esta pode ser uma das razões da resistência à mudança [...] (KISHIMOTO, 2007, p. 134).

O professor, aceitando essa mudança na prática pedagógica, e, ao respeitar o limite de cada aluno, facilita a participação e integração do mesmo no grupo. Sua capacidade, assim como suas limitações e diferenças também devem ser respeitadas, e dessa forma o professor proporciona ao seu aluno um desenvolvimento social, motor e intelectual. Cada aluno tem a sua preferência a determinado esporte, e esta deve ser respeitada.

Para se desenvolver no processo educativo o aluno depende das estruturas cognitivas desenvolvidas. Sendo o aluno “o centro na busca do seu próprio conhecimento”, cabe ao professor dar condições desse desenvolvimento (KISHIMOTO, 2007, p. 135).

A Educação Física Adaptada é uma área “fascinante, cheia de possibilidades na qual o professor deve ser bom” (STRAPASSON, 2006, p. 17). Todas as atividades precisam ser orientadas, direcionadas para se obter um bom resultado. É possível incluir a educação física adaptada a todos alunos, adaptando-a de acordo com a necessidade de cada um.

A educação física e os jogos aumentam a criatividade do aluno. Para Oliveira (2007, p. 9), “Os jogos têm o poder de, ao envolver e motivar a pessoa, resgatar seus processos mentais de forma saudável, inserindo-a na correnteza do tempo, no contexto vital”. Os jogos são convidativos a aumentar a criatividade, a participar e encontrar novas alternativas.

Mesmo sendo considerados como momentos lúdicos, os jogos têm um enorme poder no desenvolvimento do aluno. O mesmo acontece em relação à adaptação do jogo à criança: “Vemos como a adaptação é profundamente ativa e criativa, já que ela busca modificar o meio para que este se enquadre melhor às suas necessidades” (OLIVEIRA, 2007, p. 15).

De acordo com os PCN (1997), a EF é necessária, pois: “a participação nessa aula pode trazer muitos benefícios às crianças, particularmente no que diz respeito ao

desenvolvimento da inserção social”. Percebe-se que a criança, nessa inserção social, desenvolve o espírito de equipe.

O jogo para o aluno especial, contém atividades que dependendo a sua limitação se torna difícil a aprendizagem, mas, se o professor adaptar o jogo ao aluno, ele consegue realizar a atividade. “É preciso ter consciência dos limites da utilização do jogo na atividade pedagógica, rompendo com uma visão romântica de que o jogo seria uma panaceia para todos os males” (KISHIMOTO, 2007, p. 135).

Para a autora, “O professor, ao assumir o potencial que tem o jogo na educação, será o responsável pela arrumação do espaço físico e o construtor do espaço lúdico, que não deixa de ser sociocultural”. (idem, p. 136).

O professor, ao valorizar seu aluno, oferece ao mesmo condições de desenvolvimento.

Concluindo, a educação física, independente de ser ou não adaptada, tem a função de educar para a vida, realizar transformações no desenvolvimento global do aluno, para isso, se faz necessário identificar as suas reais necessidades.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Este estudo tem como objetivo geral investigar as dificuldades dos professores de educação física diante dos desafios de incluir alunos com necessidades educativas especiais.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Mostrar a iniciação esportiva, incluindo os alunos com necessidades educativas especiais dentro do ambiente escolar;

Promover estratégias de ensino na modalidade atletismo junto a esses alunos;

Promover formação de professores de educação física no processo ensino aprendizagem dentro da modalidade de atletismo adaptado;

Identificar a falta de estrutura física dos ambientes escolares e a falta de materiais necessários para a inclusão da modalidade atletismo adaptado.

4 METODOLOGIA

Este trabalho com pesquisa de cunho qualitativo, apresenta os desafios da inclusão na área de Educação Física. A pesquisa de campo foi realizada junto a professores de quatro escolas da rede pública. Discutimos estes dados com o apoio das referências bibliográficas anteriormente pesquisadas, e se refere apenas aos professores. É o momento de avaliar o preparo de cada professor frente às dificuldades encontradas com os alunos especiais.

4.1 PERFIL DOS PROFESSORES

Os quatro professores que participaram da pesquisa de campo são da rede pública do município. Para preservar suas identidades será utilizado nomes fictícios para todos. Os professores têm uma certa dificuldade em falar sobre a formação profissional, pois nem todos a fizeram, apenas tendo a graduação, e cursos de extensão que abordavam o tema inclusão e educação especial.

“André”, como será chamado o primeiro professor entrevistado, não tem uma formação específica sobre a educação especial e a inclusão, apenas fez um curso rápido de libras. Acredita que o resultado e a aprendizagem sobre o assunto da inclusão “acontece na prática”.

“Lídia”, como será identificada a única professora entrevistada, diz ter feito dois cursos de aperfeiçoamento sobre inclusão, mas nada que se relacione a limitações severas. Está atuando na área há oito anos e já viveu alguma experiência significativa sobre o assunto inclusão e educação especial.

“Cassiano”, o terceiro entrevistado, também com nome fictício, fez um curso semipresencial em uma faculdade aqui mesmo no município. Não tem muita experiência sobre a inclusão, e alega que o mais difícil é o relacionamento, pois os próprios colegas discriminam o aluno com necessidades especiais, colocam apelidos maldosos, e dificultam os momentos de educação física.

“Anderson”, sendo o quarto e último professor de educação física entrevistado, alega que durante o curso de graduação que ele fez teve uma disciplina

que “falava” sobre o tema de inclusão. Diz também ter feito cursos de pós graduação e cursos extensão que abordavam o assunto.

Os professores são de instituições públicas do Ensino Fundamental, que acolhem alunos com menor poder aquisitivo. Todas essas escolas recebem alunos com necessidades educativas especiais, em sala de aula regular, pois assim determina a lei.

Os professores trabalham em escolas que estão localizadas em bairros da periferia do município, geralmente com pouco material, ou quase nenhum material adaptado, com espaços mal conservados no ambiente escolar. As quadras apresentam problemas que os alunos especiais precisam aprender a conviver com eles, como os buracos, falta de rede, bola, entre outros.

Em meio a tudo isso surge o professor para ministrar sua aula, que geralmente será igual para todos os alunos, se esquecendo ou não preparando, por inúmeros motivos, aula adaptada aos alunos com necessidades especiais.

Analisando o contexto educacional e os questionamentos levantados por meio de prática reflexiva, a visão dessa pesquisa é analisar o aprimoramento profissional, o interesse em melhorar seu desempenho profissional com os alunos, assim como a inclusão real do aluno com necessidades especiais.

Os alunos com necessidades educativas e limitações físicas em mobilidade, estão presentes em todas escolas, e necessitam de aulas e exercícios adaptados.

4.2 COLETA DE DADOS

Na coleta de dados utilizou-se um questionário que foi entregue aos professores, em todas as escolas. O objetivo era que os mesmos lessem com cuidado e os respondessem.

Essas perguntas foram entregues após observação realizada durante a aula de Educação Física de cada um.

O questionário completo com as respostas aconteceu no intervalo, após a aula, e as perguntas estão abaixo na tabela 1.

Tabela 1: Questionário para os professores

1-O que você entende por inclusão?
2- Como e onde fez sua formação para receber alunos com Necessidades Educativas Especiais?
3-Quais as dificuldades que enfrenta para planejar aulas voltadas para os alunos com Necessidades Educativas Especiais?
4 Qual o papel das aulas de educação física para incluir esses alunos no ambiente escolar?
5- Em que contribui o esporte escolar adaptado para o aprendizado dos alunos com Necessidades Educativas Especiais?

Tomando por base o questionário e as respostas apresentadas pelos professores, pode-se chegar ao resultado da pesquisa.

5 RESULTADO DA PESQUISA E DISCUSSÃO

Mesmo admitindo que o aluno com necessidades educativas especiais tem direitos iguais aos outros, exigidos por Lei, “as posturas adotadas pelos profissionais não têm sido suficientemente fortes para realizar mudanças curriculares compatíveis” (KISHIMOTO, 2007, p. 135).

Percebe-se que muitas vezes o professor, por não estar preparado, não reconhece a capacidade que ele tem de transformar o ambiente escolar e a própria realidade da sociedade, e prefere cruzar os braços, ficando alheio a tudo que acontece. Muitas vezes ele coloca “problemas” onde não existem, ao invés de tentar solucionar os que surgem à sua frente. Só que ele não pode se esquecer que o currículo é de sua responsabilidade, ser um professor reflexivo e consciente também é de sua responsabilidade, elaborar sua aula, também é sua função, então, porque não fazer mudanças que favoreçam seus alunos com necessidades educativas especiais?

Na educação especial ficou claro que as situações são diferenciadas, dependendo da limitação de cada aluno, e que os alunos com limitações físicas podem e devem participar do atletismo, é só o professor adaptar os exercícios alterando algumas regras.

Se o professor for observador vai descobrir que seu aluno consegue ter um bom aproveitamento, basta que ele não seja desestabilizado nem diminuído pelo próprio professor. Sendo o professor capacitado e responsável, ele pode dar ao seu aluno a oportunidade de participação, não permanecendo nessa realidade tão triste que se vê com os especiais.

O professor construtivista tem um novo papel: é ele que desestabiliza, que estimula, que promove oportunidades de o aluno realizar suas trocas com o meio social, que desequilibra, que desafia, enfim, ele deixa de ser o detentor de todo saber e autoridade para se tornar um interlocutor que auxilia na busca de soluções para os conflitos cognitivos ou, numa palavra, assume o papel de mediador (KISHIMOTO, 2007, p. 135).

O professor de Educação Física, é o mediador do conhecimento, e nesse momento, frente aos alunos com necessidades educativas especiais, não pode se limitar a elaborar seu currículo de uma forma geral, ou recebendo pronto do diretor

que não sabe as limitações de cada aluno. Não pode ser leigo ao ponto de acreditar que a aula é a mesma a todos.

Quando se refere à inclusão, todos de uma maneira geral acreditam que a inclusão veio para mudar a sociedade, que todos têm os mesmos direitos de aprender e frequentar o ambiente escolar, assim como a sociedade, independentemente de cor e raça. Mas só aceitar não modifica nada, é preciso incluir de verdade.

Na questão que fala sobre a formação profissional, percebe-se que ainda falta preparo e qualificação aos profissionais, pois o processo de inclusão é longo, e precisa começar dentro do ser humano. Primeiro ele tem que aceitar as mudanças, para depois, com qualificação, ele ser um bom profissional e saber atender sua clientela.

O processo de inclusão vai além dos cursos, vai desde a elaboração da nova prática pedagógica, o material correto a ser utilizado, a aceitação do aluno com necessidades especiais como um ser humano igual ao outro, que merece respeito de todos, e o direito de participação nas aulas de educação física adaptada.

É preciso concordar com a dificuldade encontrada pelo professor, ao elaborar suas aulas, tendo em vista o pouco tempo em providenciar e adaptar materiais, em receber alunos com diferentes limitações ao mesmo tempo, pela falta de disciplina e colaboração dos alunos tidos como “normais”, a falta de apoio da direção, e muitas vezes, a ausência de professor auxiliar para determinada limitação.

Quando perguntado aos professores sobre o papel da aula de educação física, aos alunos com necessidades educativas especiais veio o prazer e satisfação, por verificar que o professor se preocupa com os aspectos sociais, físico e psíquico do aluno, e afirmam que esse contato com outros colegas é muito importante ao seu desenvolvimento como um todo.

A professora entrevistada ainda mencionou que a aula de Educação Física acrescenta vivências ao aluno, e que não se deve privar o mesmo das atividades práticas para manter a “segurança” deles. Ela alerta que todos necessitam desses momentos para melhorar seu processo educativo.

O professor “Cassiano”, ao ser indagado sobre a questão quatro, que se refere ao papel das aulas de educação física para a inclusão do aluno, foi categórico ao dizer que a “Educação Física tem papel fundamental na inclusão desses alunos, pois é um ambiente de grande convívio com os desafios que as crianças enfrentam, ainda possibilitando ao aluno mostrar seu esforço e aprendizado adquirido nas aulas durante os festivais e projetos da área de Educação Física”.

Isso demonstra a sua preocupação com o aluno de inclusão, almejando sua participação em festivais e projetos relacionados à educação física.

O professor “Anderson”, último entrevistado, cita a importância da aula de educação física, comparando-a como um componente curricular igual às outras disciplinas, e que pode oferecer ao aluno novas experiências. Mas tudo isso não terá nenhum valor se o professor não elaborar sua aula pensando nos alunos com necessidades especiais.

Quando a referência se dá ao esporte adaptado, “André”, o primeiro professor entrevistado, diz acreditar que o mesmo contribui para a conscientização dos outros alunos de que, independente de sua limitação é necessário haver respeito.

A professora lembra que o esporte adaptado faz com que o aluno de inclusão se sinta mais “acolhido, respeitado e aceito com solidariedade”.

O professor “Cassiano” acredita que “o esporte escolar adaptado contribui para a percepção do aluno com necessidades especiais”, pois ele se sente fazendo parte do grupo. Continua o professor lembrando que: “Esses aspectos são fundamentais para o aprendizado desses alunos”.

Ficou em evidência nas entrevistas que, mesmo faltando mais capacitação, todos os entrevistados têm interesse em melhorar o desempenho do aluno, em incluí-lo para que o mesmo faça as mesmas atividades oferecidas aos outros alunos. Também ficou claro que não tem como voltar atrás no processo de inclusão, ela existe e contribui para o aluno especial se sentir igual a qualquer outro aluno.

Sendo o professor “o elemento que deve interpretar a concepção de mundo e as aspirações de vida da população escolar, bem como de seus condicionantes, adotando-os como ponto de partida de todo o projeto pedagógico da escola” (KISHIMOTO, 2007, p. 139), cabe a ele modificar a realidade das escolas; seja na construção de materiais adequados, seja exigindo que a escola providencie material adaptado, seja modificando sua prática pedagógica.

Ao final da pesquisa de campo ficou evidente que, ao professor cabe tudo, desde que o mesmo inclua seu aluno com necessidades educativas especiais, tornando-o com mais autonomia durante as aulas.

Como pontua a autora, (p. 140) “é preciso coragem para ousar”. É preciso ter coragem para oferecer o que o professor tem de melhor: a capacidade de estimular, incluir e acolher o aluno com necessidades especiais em mobilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação do estudo e da pesquisa de campo no decorrer de todo o trabalho foi apontar a importância da educação física e do atletismo ao aluno com necessidades educativas especiais. Também observar a realidade da prática esportiva nas escolas.

Entende-se que o esporte adaptado é um meio de reabilitar o aluno com necessidades educativas especiais, seja no aspecto social, emocional e o físico; e que através do esporte o aluno se sente mais incluído. Percebeu-se porém, que alguns professores entrevistados não têm o preparo adequado para incluir os alunos especiais, como exigência das Leis e decretos que incluem o aluno e a prática esportiva à sociedade.

No trabalho ficou evidente que a educação física melhora a qualidade de vida do indivíduo, além de oferecer-lhe a oportunidade de participação, mas diante das entrevistas foi percebido que os professores apoiam a inclusão, vêem a necessidade de participação de todos nas aulas de educação física, mas nem todos entrevistados se sentiram seguros quanto às atividades a oferecer aos alunos. Faltam adequações na escolha das atividades, e o professor entende ser difícil misturar todos os alunos sem o respaldo de um professor auxiliar que acompanhe determinado aluno com suas necessidades específicas.

A escola precisa abrir “suas portas” literalmente a todos, independentemente de sua limitação. O professor, abrindo seus braços para acolher seu aluno, sem se incomodar com a limitação existente, também estará contribuindo para que a verdadeira inclusão aconteça.

Acredita-se que o professor procurando se atualizar sempre, e acreditar no desenvolvimento de seu aluno, já é o primeiro passo para a inclusão e educação física aos alunos com necessidades educativas especiais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. (org.). **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2007.

ADAMS, R. S. et al. **Jogos, esportes e exercícios para deficientes físicos**. 3ª ed. São Paulo: Manole, 1985.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília – DF, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 13/jul/2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **A educação especial no contexto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional. **Conhecimento de mundo**. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei nº 10048, de 8 de novembro de 2000. **Dispõe sobre prioridade de atendimento às pessoas portadoras de deficiência**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil/ato_2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 05/12/2010. Acesso em: 05 de outubro de 2015.

BRASIL. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: *deficiência visual*. vol.1. Fascículos I – I – III / BRUNO, Marilda Moraes Garcia, MOTA, Maria Glória Batista, colaboração: Instituto Benjamin Constant. Brasília, Ministério da Educação, **Secretaria de Educação Especial**, 2001. 196 p. (Série Atualidades Pedagógicas; 6).

BUENO, S. T. Motricidade e deficiência visual. In MARTIN, M. B. BUENO, S. T. **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Santos Livraria e Editora, 2003.

CARDOSO, Vinícius Denardin. **A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado**. Rio Grande do Sul, 2010. Pesquisa em: [https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome=instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=vinicius%20denardin%](https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome=instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=vinicius%20denardin%20). Acesso em 14/10/15.

_____. www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338556017. **Revista Brasileira de Ciência Esporte**. Florianópolis, v33n.2, p.5299-539, abr./jun.2011

CIDADE, Ruth Eugênia. (org.). **Aprendizagem motora e cognição em portadores de deficiência**. Consulta em <http://www.entreamigos.com.br/sites/default/files/textos/aprendizagem%20motora%20e%20cognição%20em%20portad>

COSTA, A. M., BITTAR, A. M. F. Metodologia aplicada ao deficiente físico. In: **Curso de Capacitação de Professores Multiplicadores em Educação Física Adaptada**. Brasília: SEEP, 2004, p. 83-100.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Linhas de ação em nível nacional sobre princípios, política e prática em educação especial**. Brasília: Corde, 1994.

DUARTE, E; LIMA, S. T. **Atividade física para pessoas com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GALLAHUE, D. L. & OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte Editora, 2000.

GORGATTI, M. G; COSTA, R.F. **Atividade física adaptada**. S. Paulo: Manole, 2005.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro. **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Livraria Santos Editora Ltda, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Adaptações curriculares em ação: estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais, ensinando na diversidade, desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos surdos/ Secretaria de Educação Especial - Brasília: MEC/SEEP, 2002.**

OLIVEIRA, F. F. **Dialogando sobre educação, educação física e inclusão escolar**. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd51/educa1.htm>. Acessado em 29 de Maio de 2006.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **Jogos de regras e a resolução de problemas**. 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

www.efdeportes.com/revista. Google acadêmico: formação profissional de educação física com portadores de necessidades especiais.

SANTOS, D. M. **A arteterapia aplicada junto a crianças em internação breve e seus acompanhantes pode contribuir para a integralidade do cuidado**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

STRAPASSON, Aline MIRANDA. **A educação física na educação especial**. Acesso, 13/10/2015. www.efdeportes.com/efd104/educacao-fisica-especial.htm.
<http://www.efdeportes.com/RevistaDigital-BuenosAires-Ano11-nº104Enerode2007>.

UNESCO. **Declaração de Nova Delhi sobre educação para todos**. Nova Delhi, 1994.

WINNICK, J.P. **Educação física e esportes adaptados**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2004.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO ABERTO AOS PROFESSORES

Caro professor,

Diante da pesquisa de campo que desenvolvo, como requisito para obtenção de título, do CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB, apresento um questionário. Este questionário tem por objetivo contribuir para o processo de inclusão do atletismo aos alunos com necessidades educativas especiais. As respostas apresentadas permanecerão em sigilo e serão utilizadas somente para fins acadêmicos.

Agradeço pela colaboração de todos.

1 - Identificação do professor:

2 - Idade: 3 - sexo: () () 4 - formação:

5 - Tempo de docência:

6 - Há quanto tempo você atua como professor de Educação Física?

7 - O que você entende por inclusão?

8 - Como e onde fez sua formação para receber alunos com Necessidades Educativas Especiais?

9 - Quais as dificuldades que enfrenta para planejar aulas voltadas para os alunos com Necessidades Educativas Especiais?

10 - Qual o papel das aulas de educação física para incluir esses alunos no ambiente escolar?

11 - Em que contribui o esporte escolar adaptado para o aprendizado dos alunos com Necessidades Educativas Especiais?

ANEXO 2

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO FEITO AOS PROFESSORES

PROFESSOR: “André”

1 – O que você entende por inclusão?

Acredito que a inclusão veio para derrubar velhos conceitos, pois a escola precisava buscar novas condições de ensino, favorecendo o processo de aprendizagem do aluno no contexto escolar, vendo realmente a escola para todos, buscando assim favorecer a todos atingir suas potencialidades.

2 - Como e onde fez sua formação para receber alunos com Necessidades Educativas Especiais?

Não tenho formação específica para a inclusão apenas curso específico para libras, que na realidade da escola nós professores de Educação Física devemos por conta própria conscientizar e buscar maior aprofundamento, e na maioria das vezes o conhecimento que adquirimos é na prática, vivência do dia a dia com o aluno.

3 - Quais as dificuldades que enfrenta para planejar aulas voltadas para os alunos com Necessidades Educativas Especiais?

As dificuldades estão em incluir todos os alunos pois apresentam-se vários tipos de deficiências em uma sala, não uma deficiência apenas por exemplo, baixa visão, e sim vários alunos por sala, tendo diferentes deficiências. Exemplo: aluno com deficit de aprendizagem, surdo e mudo, hiperativo e outros ficando difícil o planejamento sendo que a falta de conhecimento específico em cada deficiência também atrapalha.

4 - Qual o papel das aulas de educação física para incluir esses alunos no ambiente escolar?

A Educação Física tem como princípio o olhar voltado para o todo do aluno, levando em consideração seus aspectos físico, psíquico e social, dando grande ênfase a valorização do afetivo social do aluno que é determinante no convívio com os demais, a prática das aulas levam os alunos a vivências, o contato com o outro revela sentimentos e emoções, sendo assim as limitações que as Necessidades Educativas Especiais se apresentam dentro de outras matérias, muitas vezes nas aulas de Educação Física passam despercebidas, revelando o seu maior papel que é tratar e olhar de forma igual dando importância para o seu desenvolvimento de suas potencialidades múltiplas.

5 - Em que contribui o esporte escolar adaptado para o aprendizado dos alunos com Necessidades Educativas Especiais?

Contribui para colocar os alunos em situações de conscientização, respeitando uns aos outros independente de suas limitações, dando oportunidade de vivenciar situações que raramente alunos com Necessidades Educativas Especiais vivenciaria no contexto do esporte normal, mas a maior contribuição é o aluno com Necessidades Educativas Especiais perceber que pode e é capaz de participar elevando a sua autoestima, vislumbrando alcançar capacidades ainda maiores em sua vivência e aprendizado, social, econômico e cultural.

PROFESSORA: “Lídia”

1 - No contexto escolar, a inclusão é toda ação ou mobilização que proporcione a educação voltada para todos, sem distinção entre quem tem ou não tem necessidades especiais. É dar condições para que toda a comunidade escolar conviva respeitando as diferenças.

2 - Durante a faculdade de Educação Física tive algumas disciplinas sobre deficiências. No entanto, nenhuma delas que se aprofundasse no assunto. Em 2009 fiz um curso de aperfeiçoamento sobre Gênero e diversidade na escola pela Unesp de Rio Claro. Já em 2011 fiz outro curso de aperfeiçoamento sobre Educação Inclusiva pela FATECE Pirassununga.

Ressalto, todavia, que em nenhum desses cursos eu aprendi o suficiente para dominar perfeitamente esse assunto. Em oito anos em que leciono, tive experiências significativas com a inclusão. Mas sinto ainda, que se eu receber em minha escola algum aluno com alguma deficiência mais severa, sentirei grandes dificuldades.

3 - Atualmente, os alunos com necessidades especiais que tenho em minha escola acompanham as atividades das minhas aulas com os demais alunos normalmente, pois, neste ano tenho apenas crianças com Síndrome de Down, autismo e uma aluna surda. Neste último caso, a intérprete de Libras me acompanha nas aulas e explicações. Os demais citados acima, têm condições de acompanhar minhas atividades e têm grande aceitação de toda a turma.

4 - A aula de Educação Física vem mostrar que não podemos privar alunos com necessidades especiais de vivenciar as atividades práticas para manter a "segurança" deles. Lembrando que todos os indivíduos necessitam de fazer atividades que desenvolvam a relação social, motora e afetiva. Acredito que é na aula de Educação Física que essas dimensões ficam mais evidentes dentre alunos tão distintos.

5 - O esporte escolar adaptado contribui para a percepção do aluno com necessidades especiais em poder "fazer parte" assim como qualquer outro aluno da sua turma ou de pessoas do seu cotidiano escolar ou não. Sentindo assim, acolhido, respeitado e aceito com solidariedade. Esses aspectos são fundamentais para o aprendizado desses alunos.

PROFESSOR: “Cassiano”

1 - Eu entendo por inclusão a ação de acolher todas as pessoas, sem exceção, independente de cor, classe social e condições físicas e psicológicas.

2 - Eu fiz minha formação de Educação Especial no ISEB, semi-presencial.

3 - As dificuldades encontradas é mais na parte de respeito dos colegas com seu colega com necessidade especial, as vezes colocando apelidos sempre relacionados a sua deficiência o que acaba gerando um desconforto na turma.

4 - A Educação Física tem papel fundamental na inclusão desses alunos, pois é um ambiente de grande convívio com os desafios que as crianças enfrentam durante o dia a dia, ainda possibilitando ao aluno mostrar seu esforço e aprendizado adquirido nas aulas durante os festivais e projetos da área de Educação Física.

5 - Além do aprendizado teórico com as aulas, os alunos tem uma série de outros benefícios com a prática de esporte adaptado, no aspecto psicológico estão a confiança, a auto estima, já nos aspectos físicos a uma melhora na agilidade, força, coordenação motora, equilíbrio, no aspecto social, o esporte proporciona a oportunidade de sociabilização entre pessoas com e sem deficiências, além de torná-los mais independentes no seu dia a dia, conseqüentemente melhorando a qualidade de vida dos alunos.

PROFESSOR: “Anderson”

1 - Acredito que inclusão, de forma concreta, seja um estado de compreensão da sociedade em relação aos direitos de todos os indivíduos, sem distinção por suas particularidades e individualidades. Seria o ponto em que não precisaríamos mais adaptar o mundo para determinadas pessoas, e sim já construí-lo e desenvolvê-lo para todas as pessoas de forma que naturalmente todos tivessem as mesmas oportunidades, ou pelo menos oportunidades e direitos nivelados. Mas ao mesmo tempo temo que a inclusão verdadeira seja apenas uma utopia, um sonho inalcançável.

2 - A minha formação para o trabalho com os alunos com necessidades especiais foi fundamentada no meu curso de graduação, nas Faculdades Integradas de Bebedouro (FAFIBE), em que havia uma disciplina específica sobre essa temática. Mas também tive alguns outros aprendizados sobre o tema em cursos de extensão e de pós graduação.

3 - A diversidade nas particularidades de cada aluno com necessidade especial e o pouco suporte para um preparo adequado com essa situação são as minhas maiores dificuldades, porém outros problemas secundários relativo à educação de modo geral, como classes super lotadas, pouco tempo de trabalho efetivo com o aluno, indisciplinas de outros alunos, pouco envolvimento familiar com a escola, entre outros, também tendem amplificar a dificuldade desse trabalho.

4 - A aula de educação física, por ser um componente curricular de igual importância a todos outros, tem um papel de promover oportunidades de aprendizados, vivências, experiências e relações que ajudarão esses alunos a criar uma identidade única como ser humano, assim como todos os outros. E poderão ajudá-lo no seu cotidiano para que ele possa ter uma qualidade de vida melhor e um papel de cidadão ativo dentro da sociedade.

5 - O esporte concretizado como um dos maiores fenômenos sociais da humanidade, se tratado de maneira coerente, responsável e ampla, pode ser uma ferramenta educativa de extrema relevância na formação educacional formal e informal de qualquer aluno. Ao entendermos os alunos com necessidades especiais como indivíduos que têm capacidades nem maiores, nem menores, apenas diferentes, podemos entender que os esportes tratados de maneiras diferentes, ou seja adaptados, podem ter os mesmos benefícios do esportes convencionais como ferramentas pedagógicas na educação desses alunos.